

SABERES NECESSÁRIOS À EMANCIPAÇÃO DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

VÂNIA FABRIL SERRA

Vânia Fabril Serra atua como professora na rede municipal de ensino de Osasco.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo saber como as crianças expressam suas emoções e sua reação ao mundo por meio do desenho e também analisar como o educador pode interferir ou não nesse processo. O conteúdo versará sobre a origem e a evolução do desenho, sua importância no desenvolvimento da criança, salientando práticas no ensino fundamental, de modo a tornar-se um elemento importante como expressão da linguagem e crescimento cognitivo e afetivo do aluno. O trabalho parte de uma análise teórica articulada a experiências profissionais na escola municipal de ensino fundamental (EMEF) Padre José Grossi Dias pela amostragem de alunos do 3º ano B, no ano de 2012, vivências que culminarão em uma reflexão sobre o tema.

PALAVRAS CHAVES

Educação. Desenho infantil. Aprendizagem. Ensino da arte.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DESENHO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

*Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender desenhar como as crianças.
Pablo Picasso*

Neste mundo em constante transformação, em que a tecnologia tem um efeito preponderante em nossas vidas, influenciando a nossa visão de mundo, nós, educadores/as, encontramos-nos às vezes inquietos, em reflexões que nos tiram o sono, causam-nos estranhamento e nos instigam à investigação mais profunda.

O que atualmente se vê é que a maioria das crianças ao terminarem seu período de alfabetização básica não são capazes de expressar-se corretamente por meio da linguagem escrita, apresentando dificuldades diversas, que vão desde problemas ortográficos simples à total falta de coerência e clareza na escrita, impossibilitando a leitura, muitas vezes até para elas mesmas.

Meu objetivo com este trabalho é socializar as práticas desenvolvidas com alunos do 3º B da EMEF Padre José Grossi Dias que favoreceram a apropriação de conhecimentos pelas crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

Partimos do pressuposto de que o desenho é a primeira manifestação gráfica do pensamento da criança, primeiro texto que precisa ser lido pelo educador, primeira forma de comunicação do ser humano com o mundo exterior. Nesse sentido demonstraremos a relação entre o desenvolvimento do desenho infantil, a linguagem e a manifestação do crescimento cognitivo.

Neste artigo objetivamos demonstrar como o desenho e o ensino da arte podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia e construção de conhecimentos pelos alunos que apresentam dificuldades no processo de alfabetização. Esperamos com este trabalho problematizar concepções arcaicas que relegam o desenho a um segundo plano.

BREVE HISTÓRIA SOBRE O SURGIMENTO DO DESENHO

Desde a pré-história, o homem utiliza a linguagem visual para se expressar, para expor o que pensa sobre si e o mundo, para exprimir sua percepção. Em alguns períodos históricos, os registros dos desenhos são os únicos que nos permitem constatar a trajetória do homem. Os desenhos, na pré-história, representam basicamente seres e animais. Acreditava-se que os desenhos eram realizados em sua maior parte por caçadores que pensavam que, ao terem poderes sobre o desenho do animal, isso se refletiria na vida real e eles teriam sorte na caça. Ao desenharem a caça, que era seu objeto de cobiça, sentiam como se a possuíssem de fato.

As pinturas eram realizadas em rochas, mas com as mudanças da sociedade surgiram os camponeses e as representações foram se modificando. Se antes os seres eram representados individualmente, neste novo período o coletivo foi representado.

Foi na Antiguidade que os homens começaram a fazer uso das cores em suas pinturas e começaram a representar muitos personagens políticos e religiosos com muitos detalhes em suas produções.

Na Idade Média, os desenhos foram muito usados para representar histórias bíblicas, já que a maior parte da população não tinha acesso à leitura. Os desenhos eram usados também para decorar paredes. Ana Mae Barbosa, em seu livro *Arte-Educação: conflitos/acertos*, corrobora essas opiniões quando diz:

A consciência do presente depende da consciência histórica porque, como diz John Dewey: "Sem identificação do presente em termos dos elementos sugeridos pelo passado, sem reconstrução, o valor projetado como fim permanece inerte, impotente, sentimental, sem meios de realização." No Brasil, uma compreensão histórica da educação seria instrumento valioso no despertar para o entendimento do status de dependência cultural e para a luta contra a "cultura do silêncio". (BARBOSA, 1985, p.39)

Com a evolução da sociedade, os desenhos passaram a ter diversas formas, romperam-se paradigmas na evolução da arte, resultando na diversidade que temos hoje em dia.

A arte expressa a individualidade do artista, ao mesmo tempo em que fala da cultura de uma época. Passou a ser, como vimos, uma manifestação tanto particular como coletiva.

Moreira afirma que

Tendo um instrumento que deixe uma marca; a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos murros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. (MOREIRA, 2002)

A criança sente prazer em desenhar porque, também ela, deixa as suas marcas por onde passa. Desenha seus brinquedos e até brinca com suas próprias produções. Também consideramos desenho a forma como a criança organiza suas panelinhas, os talheres e pratos, brincando de casinha, o espaço em que ela organiza a brincadeira.

Observando a brincadeira livre das crianças, podemos notar diferenças individuais na maneira de dispor seus brinquedos no espaço. Na maneira de desenhar o seu espaço diz, o mesmo autor que

Entrar no quarto de uma criança, terminada a brincadeira, mas onde estão presentes os seus vestígios, é entrar em contato com um recorte da história daquela criança. É a possibilidade de conhecer aquela criança através de outra linguagem: o desenho do seu espaço lúdico. As bonecas sentadas no chão e os carrinhos enfileirados falam sobre a criança que os arrumou. Contam sobre seu projeto. (MOREIRA, 2002, p. 17)

O desenho é um instrumento de conhecimento que possui capacidade de abrangência como meio de comunicação e expressão. As manifestações podem se dar de várias formas, não somente através de lápis e papel, mas também de sinais como impressão digital, riscos no muro, pegadas no chão. Estes exemplos nos fazem pensar sobre as diversas ideias que o desenho pode nos dar.

O desenho é uma língua tão antiga e permanente que atravessa a história, fronteiras geográficas e temporais, fugindo de polêmicas entre o novo e o velho. É a criação e invenção de toda sorte; o desenho é o exercício da inteligência humana; é revelação, criação; deixa com que a linha diga *sins* e *nãos* da sociedade. Portanto, a experiência com as artes visuais acontece de forma natural, partindo da necessidade das crianças de exprimirem sentimentos, se expressarem e brincarem. Na escolha das cores, em como a criança divide o espaço que desenha, na proporção de seus desenhos, na intensidade da linha, na forma com que segura o lápis, podemos encontrar características reveladoras do estado afetivo, emocional e da personalidade da criança.

Por meio das brincadeiras de faz de conta representadas no papel, a criança não tem a preocupação quanto ao que representa sua brincadeira. Assim, um traço no papel pode ser um avião, em seguida esse mesmo desenho pode se transformar em um animal e, aos poucos, o jogo simbólico vai se desenvolvendo e se transformando, atingindo novas etapas do desenvolvimento do desenho, que citarei no decorrer deste trabalho.

Em alguns dicionários virtuais, a palavra *desenho* significa:

Representação a lápis, a tinta etc. de objetos e figuras, de delineado os contornos das figuras. (...) Disposição, ordenação geral de um quadro. (...) Plano de um edifício. (...) Desenho animado, série de desenhos que, filmados, dão aparência de movimento. (...) Desenho linear, ou geométrico, o que é feito com régua e compasso. (...) Desenho a mão livre, o que se faz sem régua nem compasso.

A linha é entendida como contorno, subordinada a alguma forma. Herdamos isso dos mestres da missão francesa, que vieram ao Brasil e introduziram um conceito de desenho que se tornou oficial e que era veiculado dentro das instituições educacionais da época.

Nas cidades, percebemos a existência de registros anônimos, representações espontâneas de um desejo natural de registrar marcas.

Desta forma, observamos que tudo o que vemos e vivemos foi construído e inventado pelo homem. Algum dia alguém projetou, desenhou. De tudo o que nos rodeia, portanto, o desenho faz parte: representa interesses, inventa formas de produção de consumo.

Segundo Maureen Cox,

O estudo dos desenhos infantis começou há cerca de cem anos. Consta-se que, por volta de 1880, um italiano de nome Conrado Ricci correu buscando um abrigo em uma viela coberta. Enquanto aguardava a chuva forte

passar, ficou apreciando alguns rabiscos na parede, que logo percebeu eram feitos por mãos infantis. Começou a cogitar sobre o que havia de tão especial neles, o que os tornava diferentes dos desenhos dos adultos. Assim começou seu interesse e estudos na arte infantil. (COX, 1995, p.2)

Há séculos as crianças desenhavam, porém muito pouco desses originais foi preservado. Uma das exceções é um desenho de uma pedra, que se supõe ser obra de uma criança do período minoico, cerca de três mil anos atrás.

Acredita-se que uma das razões possa ser a de que nossos antepassados consideravam as crianças como inferiores e imperfeitas, não merecendo serem registrados ou preservados seus desenhos. Resistiam apenas as obras de artistas famosos e amadores de talento.

Essa falta de interesse pela infância começou a mudar quando uma nova tendência psicológica teve como pioneiro, entre outros, o filósofo e educador Jean-Jacques Rousseau (1712-1788), que considerava a infância uma etapa importante em nosso desenvolvimento. Isso porque a criança teria seu modo de pensar e resolver problemas e que não seria necessariamente inferior ao dos adultos.

Pouco se sabia sobre o comportamento das crianças e alguns autores começaram a observar e registrar detalhes através de seus próprios filhos. Esse tipo de estudo foi e continua sendo fonte valiosa de informações para qualquer interessado no desenvolvimento da criança e para os trabalhos que focam os desenhos infantis.

DIDÁTICA E PRÁTICA DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

As artes visuais fazem parte da vida infantil (representada, sob a forma de linguagem, através dos seus desenhos e pinturas), manifestando-se como uma forma muito importante de comunicação e expressão humana.

Elas estão presentes na educação infantil e ensino fundamental, onde algumas correntes de pensamento atribuem aos trabalhos de arte infantil somente valor decorativo, como uma ilustração, um passatempo como lazer, sendo permitida a colaboração ou interferência dos adultos. Outra forma em que as artes visuais são utilizadas são, por exemplo, as atividades de reforço em coordenação motora, colorindo desenhos prontos.

As artes visuais são consideradas uma forma de linguagem, uma vez que as crianças constroem suas ideias sobre arte levando em consideração sua experiência de vida, as relações que fizeram com a cultura, com a TV, revistas, gibis e outras observações.

Alguns aspectos importantes para a realização artística, segundo o Referencial Curricular Nacional (1998), são o fazer artístico (que representa as produções), a criação e o desenvolvimento dos trabalhos livres e pessoais; a apreciação, que é a percepção do trabalho visto como linguagem com materiais utilizados pelas crianças; a observação, que é muito importante para o aprendizado em artes visuais, pois se trata de uma reflexão, emoção ou sentimento que a criança teve no ato de

realizar sua produção artística; a reflexão, que são os debates, as considerações sobre as produções artísticas realizadas.

Cada criança constrói seu aprendizado envolvendo experiências pessoais, relações com a natureza e motivação interna e/ou externa. O professor pode enriquecer esse processo intencionalmente, mas não podemos esquecer que a criação artística pertence somente a criança.

Lowenfeld-Brittain (1977) destaca a criança como o mais precioso bem da sociedade e diz que suas atividades criadoras adquirem significados quando se compreendem juntos o desenvolvimento e a criação.

Quanto mais a criança conhece o ambiente em que vive, mais condições ela tem de representar, até como forma de entendê-lo. Ela desenha como forma de expressar conteúdos, conceitos e questões emocionais.

No desenho, sua manifestação do conflito é menos evidente, ou seja, fica aparentemente camuflada, portanto, mais fácil de trabalhar. O desenho é a atividade que obrigatoriamente traz desafios intelectuais sobre como se comportam as coisas, pois as crianças desenharam o que sabem das coisas e não necessariamente como elas são.

Segundo Giroux (1986, p.23), é preciso haver uma mudança no papel do professor de mero executor de ordens e técnico especializado para um profissional de base teórica, para um profissional que se preocupa também com a conceituação, projetos e planejamentos de seu trabalho.

Muitos professores acabam interferindo nos desenhos das crianças dando sugestões de cor, forma ou até impondo seus próprios esquemas e modos de como devem se expressar. São nestes momentos que surgem as dificuldades que impedem a criança de usar a arte como meio de autoexpressões. É importante os professores estimularem seus alunos para que se identifiquem com suas próprias experiências, desenvolvendo ao máximo os conceitos que expressam seus sentimentos, emoções e sensibilidade.

ORGANIZANDO AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS COM AS CRIANÇAS

Atividades realizadas durante o projeto de pesquisa no 3º B da EMEF Padre José Grossi Dias. Proponha ao aluno que faça um desenho livre cobrindo totalmente a folha de papel sulfite. Em seguida solicite que ele o reproduza em dois tamanhos menores, um em meia folha de papel sulfite e outro em um quarto dela, representando a cópia exata do primeiro desenho. Essa atividade trabalha as proporções, relações espaciais, desenvolvendo na criança o raciocínio lógico, percepções e habilidades, além do efeito visual satisfatório. Os alunos com dificuldades de aprendizagem, após estas atividades, adquiriram maior concentração em suas produções escritas e mais organização estética em seus cadernos.

Desenhos com interferências são sempre bem vindos e, para essas atividades, a postura do professor deve ser a de observador, percebendo como cada aluno utiliza-se da interferência. É provável que com um círculo surjam esboços de figura

humana para alguns, para outros ele pode significar sol ou outras criações. Expor os trabalhos é atitude válida que possibilita a leitura das produções feitas e sua valorização, despertando percepção artística. Foram utilizadas em sala de aula cópias de obras de arte e distribuídas aos alunos folhas com apenas metade da figura para eles completarem. Esta atividade de interferência foi muito rica. Os alunos tiveram a possibilidade de interagir com a obra, interferindo no desenho do artista, deixando sua marca registrada.

Outra atividade interessante para a observação, no pátio externo, é perceber que os alunos observaram uma árvore e que a forma de registro utilizado foi o desenho. Em sala de aula, plantamos uma semente de feijão e acompanhamos seu desenvolvimento periodicamente. Os alunos desenharam o seu desenvolvimento sem utilizar a escrita. Estas atividades propiciaram aos alunos não alfabetizados a possibilidade de interagir com o grupo se sentindo pertencentes à classe e, principalmente, elevando sua autoestima.

O professor deve estar atento, percebendo o uso do material para que haja desenvolvimento de diferentes habilidades como rasgar, cortar, pregar, pintar, riscar, misturar, modelar, construir, manipular materiais grandes e pequenos, ásperos e macios, enfim, os mais diversos.

Os papéis, que serão o suporte para os trabalhos, devem ser cortados em diferentes tamanhos e, quando possível, devem ser de diferentes cores, formas e texturas. Os materiais, em geral, devem ser atraentes, para que o aluno possa escolhê-los com critério. Os pincéis devem estar limpos, disponíveis e acompanhados por um pote com água, para que as crianças possam limpá-los sempre que mudarem a cor da tinta. Esses hábitos de limpeza são facilmente incorporados.

A sala bem preparada proporciona desafios aos alunos quando eles se confrontam com problemas visuais, como cor, tinta, texturas, espaço, volume, plano e outros. Toda criança expressa na sua arte, no seu desenho, o seu nível de desenvolvimento, que sabemos ser um processo contínuo, bem como sabemos que cada criança tem seu ritmo, o seu tempo.

Querer que o desenho infantil seja uma reprodução da realidade é um grave erro. Pois o que é real aos olhos do adulto pode não ser aos olhos da criança. Afinal, a realidade das aparências não faz com que as coisas sejam reais aos nossos sentimentos e emoções. Os procedimentos descritos aqui não visam produzir artistas, antes de tudo devem servir à criança como ajuda ao seu desenvolvimento, oportunizando momentos de prazer, elevando sua autoestima.

Cada criança possui sua singularidade, mas todas passam pelas mesmas etapas significativas durante sua evolução. Podemos perceber seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, que a levará para o próximo passo, que é a escrita.

ATITUDES DOS PROFESSORES DIANTE DO ENSINO DA ARTE: PLANTANDO SEMENTES

A pesquisa sobre o tema auxiliou os alunos do 3º B. Sentimos a importância do trabalho científico no planejamento diário. A vastidão de materiais disponíveis para a pesquisa, com autores que possuem grande experiência sobre o tema em questão, deixou em nós uma semente que com certeza será regada daqui por diante, dando continuidade a este trabalho aqui apenas iniciado. Temos plena consciência de que esta produção foi apenas o início de um estudo que tanto nos interessa e que possui ainda muitos outros enfoques a serem estudados posteriormente.

A atitude do professor frente às atividades de artes de seus alunos deve ser de apoio bem dosado. De não interferência no sentido de mostrar o que ele deve fazer. Deve compreender a importância da expressão para a criança, mas sem supervalorizar um sucesso momentâneo. Precisa detectar problemas e resolvê-los, ajudar os que precisarem de ajuda, sem transformar isso em dependência, levar a criança a aprender concluindo, descobrindo, mas sem ensinar o que descobrir, deixando-a explorar. Compreender que certas reações da criança, aparentemente insuportáveis, têm sua razão de ser durante seu processo de desenvolvimento e, principalmente, saber avaliar seus resultados.

Gostaríamos de ressaltar a importância das interferências na prática de aula, o que levou ao aprofundamento das questões que envolvem a relação professor-aluno. Ficou claro que as observações do professor no ato do desenho são prejudiciais ao desenvolvimento e autoestima do aluno. Os trabalhos prontos, como livros para colorir, nada têm a contribuir para a criatividade.

Esperamos poder contribuir de alguma forma para os leitores deste artigo, que este material possa acrescentar conhecimento, sanar algumas dúvidas e *pré-conceitos* que vão surgindo a medida que o adulto vai interagindo com este pequeno ser que é nosso aluno, que traz consigo muitas descobertas, muitas curiosidades e muitas novidades, além de nos ensinar sempre no dia a dia.

Compreender a criança, suas produções escritas, seus desenhos, suas experiências, não é um trabalho fácil. Realmente é necessário conhecer, pesquisar, buscar e, principalmente, observar, respeitando as diferenças e etapas de cada um.

KNOWLEDGE NEEDED TO EMANCIPATION OF THE 3RD GRADE'S STUDENTS OF ELEMENTARY SCHOOL WITH LEARNING PROBLEMS

VÂNIA FABRIL SERRA¹

ABSTRACT

The present work has as goal to know how the children express their emotions and their reaction to the world through the drawing and also analyze how the educator may or may not interfere in this process. The content will focus on the origin and the evolution of the drawing, of its importance in the development of the child, stressing practices in the basic education, in order to become an important element as an expression of language and cognitive and affective growth of the student. The work presents a theoretical analysis articulated in the professional experiences in municipal elementary school (EMEF) "Padre José Grossi Dias" for sampling of students of the 3rd year "class B", in 2012, experiences that culminate in a reflection on the theme.

KEYWORDS

Education. Infant drawing. Learning. Teaching art.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. 1985, p. 39.

COX, Maureen. **Desenho da Criança**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977, 448 p.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação** – para além das teorias de reprodução. Petrópolis, Vozes, 1986.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do Desenho** – a educação do educador. São Paulo: Editora Loyola, 2002.